



PÊCHEUX, M. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2002.<sup>1</sup>

Cristiana Frazão Gomes (PPGEL-UFMT)<sup>2</sup>  
[cristiana.frazaog@gmail.com](mailto:cristiana.frazaog@gmail.com)

Na Nota ao Leitor que abre a edição brasileira de *Discourse: Structure or Event?*, Eni P. Orlandi afirma que Pêcheux, sem negar o percurso pelo marxismo, experimenta os seus limites. Sendo assim, no presente texto, o esforço dar-se-á a percorrer o livro sublinhando os aspectos e noções mais importantes dele em relação à Análise do Discurso, e as inovações que supõe neste campo. Aliás o nesta obra o próprio Pêcheux procura rever alguns de seus postulados teóricos. Reconhece o tratamento reducionista que vinha dando ao discurso e a seus sujeitos e procura reconsiderar a particularidade discursiva do enunciado, valorizando o confronto discursivo que se procede através do acontecimento e reconhece que o “sentido” está também intimamente ligado a esse acontecimento.

Pêcheux analisa a linguagem desde uma perspectiva materialista, fazendo uma importante ruptura com as noções anteriores, principalmente com o estruturalismo. Ele não nega a concepção do discurso como estrutura, mas ressalta a importância de considerar o *acontecimento* discursivo. Assim, ele propõe uma forma de refletir sobre a linguagem que vai além das evidências, das aparências. De fato, ele recusa as evidências de sentido, haja vista que a ideia de sentidos fixos são inexistentes. Pra ele

---

<sup>1</sup> Campinas, SP: Pontes, 2015. Tradução de Eni Orlandi do original *Discourse: Structure or Event?*, texto originalmente apresentado por Pêcheux na conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”, realizada na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983.

<sup>2</sup> Formada em Comunicação Social pelo Centro Universitário do Maranhão em 2006, pós-graduada em Marketing pela Universidade de Cuiabá em 2011, e Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Mato Grosso. Participante do Grupo de Pesquisa REDIS (Representação e Discurso do PPGEL - UFMT) com a orientação da Dra. Ana Carolina Vilela- Ardenghi onde o foco é a Análise do Discurso e representação feminina nas diversas esferas. E-mail: [cristiana.frazaog@gmail.com](mailto:cristiana.frazaog@gmail.com)



(Pêcheux), sentidos fixos são construídos e modificados constantemente, de acordo com as condições de produção.

Pêcheux apresenta-nos três elementos para analisar discursivamente os enunciados: a) o acontecimento; b) a estrutura; e c) a tensão entre descrição e interpretação. Dessa maneira, ele elenca três caminhos a serem seguidos:

Para entrar na reflexão que empreendo aqui com vocês, sobre o discurso como estrutura e como acontecimento, imagino vários caminhos muito diferentes. Um primeiro caminho seria tomar como tema um *enunciado* e trabalhar a partir dele; por exemplo, o enunciado “*On a gagné*” [“Ganhamos”] tal como ele atravessou a França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos (o *acontecimento*, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória).

Um outro caminho, mais clássico, na aparência (mas o que é clássico hoje?), consistiria em partir de uma *questão* filosófica; por exemplo, o da relação entre Marx e Aristóteles, a propósito da ideia de uma ciência da estrutura. [...]

E então? Não seria melhor (terceiro caminho possível) eu me ater sabiamente ao domínio “profissional” no qual me encontro, bem ou mal, minha referência: o da tradição francesa de análise de discurso? Por exemplo, levantando, na configuração dos problemas teóricos e de procedimentos que se colocam hoje para essa disciplina, o da relação entre a análise como *descrição* e a análise como *interpretação*? (Pêcheux, [1983] 2002, p.16-17, grifo do autor).

Embora M. Pêcheux comente a presença da mídia no momento da eleição de Mitterrand, trata-se das consequências do acontecimento novo: como a mídia tratou de evidenciar o acontecimento por meio de cifras, gráficos, tabelas, primeiras declarações. Nesse sentido, o acontecimento parece ser transparente. Pêcheux reconhece a mídia, aqui, após o acontecimento histórico, como mais um espaço de circulação de discursos, e não como dispositivo de formulação discursiva antes da eleição, ou no período de campanha eleitoral. No segundo trecho, a mídia continua a ser encarada



como um espaço em que os discursos lógicos são dados a circular, colocando em evidência o acontecimento: leia-se “ciências logicamente estabilizadas”, representadas pelas porcentagens de resultados. O fato é indubitável, provado e comprovado: Mitterrand é o novo presidente francês. Uma consideração, contudo, chama a atenção em meio à célebre análise do enunciado “*On a gagné*”, realizada por Pêcheux: aquela sobre a entoação com que o enunciado é proferido.

O autor afirma, também, que só é possível o uso de um enunciado esportivo no campo político devido à opacidade da língua, que produz deslizos de sentidos, ou seja, um mesmo enunciado pode significar acontecimentos diferentes.

A partir da análise desse enunciado, Pêcheux mostra como as diferentes formulações feitas sobre o mesmo acontecimento “não estão evidentemente em relação interparafrástica; esses enunciados remetem ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações.” (p. 20).

Aqui está em jogo a questão das condições de produção, a posição do sujeito que põe o discurso em circulação, as condições em que esse discurso é lido ou escutado, etc., numa determinada formação discursiva e ideológica. Então, o discurso para Pêcheux é efeito de sentido, que depende dessas condições de produção e posições de sujeito, que fazem parte da sua materialidade, da sua historicidade. As disciplinas do logicamente estabilizado, pelo contrário, manifestam o tempo todo a vontade de chegar a uma única verdade; elas supõem a existência de um único real, que é compreensível e abrangível pelo homem em sua totalidade.

No segundo capítulo, Pêcheux vai tratar da relação existente entre a ciência, a escolástica e a estrutura, mostrar como o pensamento escolástico de uma ciência régia, que poderia englobar todos os ramos de estudo, era forte, bem como a questão do estruturalismo, a necessidade do estudo da estrutura que dominava a ciência, uma relação de causa e efeito, em que não havia o equívoco e as relações davam-se em espaços logicamente estabilizados e por meio da transparência, não dá opacidade. Em sequência, há o aparecimento do positivismo, que busca pensar as ciências humanas tal qual pensava-se as exatas, homogeneizando o real, os espaços sociais, através do método



dedutivo-hipotético experimental, e as técnicas de administração de prova. Em seguida, aparece o marxismo com sua dialética, que Pêcheux diz sofrer um acavalamento com as questões das ciências humanas e sociais.

Ele começa tratando da questão do real e da independência que há entre o objeto no mundo e o discurso, a partir da afirmação de que não conseguimos descobrir o real, apenas nos deparamos com ele. Segundo o autor, as técnicas até então utilizadas pelas ciências ditas naturais buscavam encontrar resultados por meio de instrumentalização, dirigindo-os aos efeitos pretendidos. Mas, além de sujeitos pragmáticos - diz o autor depois - somos sujeitos da linguagem. Nossa relação com o mundo é uma relação mediada pela linguagem, uma linguagem indefectivelmente equívoca. É importante dizer neste ponto que a equivocidade tem um limite, que está na materialidade do discurso. Um enunciado pode ter diferentes significados, mas não qualquer um. As derivas de sentido não são infinitas.

Sobre esta questão, Pêcheux conclui que “objetos discursivos de talhe estável, detendo o aparente privilégio de serem independentes dos enunciados que produzimos a seu respeito [os pertencentes ao espaço do logicamente estabilizado], vêm trocar seus trajetos com outros tipos de objetos, cujo modo de existência parece regido pela própria maneira com que falamos deles [os pertencentes às disciplinas de interpretação] (...), uns devem ser declarados mais reais que outros?” (p.28). Aqui o autor está considerando a equivocidade como constitutiva de todos os objetos discursivos possíveis, inclusive os que aparentam ser totalmente unívocos. E também, está questionando a existência de um único tipo de real. Justamente, Pêcheux propõe que as disciplinas de interpretação trabalham com outro tipo de real e, portanto, produzem outro tipo de conhecimentos, de saberes. O logicamente estabilizado, que está sempre invadindo todos os âmbitos da vida, faz que muitas vezes achemos inferiores às disciplinas de interpretação (como a história, a sociologia, por exemplo), mas diz o autor que é possível produzir um conhecimento que se sustente nestas disciplinas, porque sempre tem um limite entre o que é possível e o que não é possível compreender, limite dado pela materialidade da linguagem.



“Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação (...) é supor que possa existir um outro tipo de real, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das coisas-a-saber. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” (p.43).

O mundo não se reduz ao que interpretamos dele. Como já dissemos, nosso conhecimento sobre o mundo está mediado pela linguagem, ou seja, encharcado de equívocos e propenso a muitas interpretações possíveis. Isto se opõe à concepção idealista onde o homem tem o controle sobre o mundo, onde tem a possibilidade de conhecer tudo. Nos espaços do logicamente estabilizado, “supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação (...)” (p.31). É claro que o autor, além de recusar esta suposta independência dos enunciados logicamente estáveis, está propondo outro tipo de sujeito, que é o da perspectiva materialista. O sujeito que não tem controle sobre o mundo, o sujeito que é ideológico o tempo todo, o sujeito que tem uma parte inconsciente, que tem certa posição nas relações de produção.

Outra questão central do pensamento de Pêcheux é a relação entre descrição e interpretação. O autor diz que são dois movimentos necessários e simultâneos na compreensão e análise dos discursos. “Toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua; todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro (...). Toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (p.53). “Entre a descrição e a interpretação há alternância, batimento”. (p.54).

A este respeito, Pêcheux propõe algumas exigências para a análise do discurso em sua perspectiva materialista-historicista do discurso como estrutura e acontecimento. “A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas (...). Abordar o próprio da língua através do



papel do equívoco, da elipse, da falta, etc.” (p.50). “Isto obriga a se construir procedimentos capazes de abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico.” (p.51).

Lembremos que a interpretação está totalmente ligada às condições de produção, as posições de sujeito, a materialidade e a historicidade do discurso. Todas essas questões eram ignoradas pelo estruturalismo; “O fantasma da ciência regia é justamente o que dá a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece.” (p. 55).

Em suma, é possível considerar que Pêcheux elabora suas noções partindo de uma ruptura muito forte de respeito ao estruturalismo, embora reconheça alguns logros dele. Distingue que o estruturalismo permitiu novas práticas de leitura, orientadas a entender a presença de não-ditos no interior do que é dito, mas “esse movimento anti-narcísico balançava em uma nova forma de narcisismo teórico: o narcisismo da estrutura” (p.46).

O autor procura mudar o estatuto da discursividade, considerando que, no discurso, entrelaçam-se proposições “estáveis”, suscetíveis de respostas unívocas, e formulações equívocas, propenso a várias interpretações. Para o autor a estrutura é importante, mas se só atendermos a ela, e não ao discurso como acontecimento, não podemos vislumbrar a opacidade da linguagem, sua equivocidade constitutiva. O analista deve considerar o acontecimento discursivo e assim poder fazer outras perguntas, úteis para reconstruir o processo discursivo. Os acontecimentos discursivos trazem câmbios de sentidos, inversão, modificação das relações, chance de discussões que antes não eram possíveis. Um acontecimento discursivo dá lugar a formulações que são irremediavelmente equívocas, que podem ter múltiplos sentidos, e que o fazem trabalhar. Então, como diz o autor “(...) o acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (p. 17), porque ao considerar o discurso como acontecimento, aceitando a equivocidade como constitutiva da linguagem; podemos entabuar relações com as condições de produção, com as posições de sujeito, as formações discursivas e ideológicas em jogo, com o interdiscurso como a



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 25 • Jul 2018/

R E S E N H A S

memória do já dito; e detectar assim “os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados.” (p. 57), que é finalmente o que Pêcheux propõe como o objetivo da sua posição de trabalho.

### Referência bibliográfica

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. (Tradução Eni P. Orlandi). 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M., FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. **Langages**, Paris, N° 37, 1975, p.7-80.

\_\_\_\_\_. **El discurso: ¿estructura o acontecimiento?** Décalages, Paris, Vol. 1, N° 4, 2013. Disponível em: [<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/16>]. Acesso 03/05/2018.

Recebido Para Publicação em 05 de maio de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2018.